



Capítulo 1

FERMENTO

Sexta-feira, 18h, cozinha do casarão

A senhora Cármina segura, entre o polegar e o indicador da mão direita, um pacotinho quadrado de fermento.

– O segredo do pão feito em casa – diz ela, muito séria – está aqui.

Tobias olha para Ariana, que olha para Ricardo, que olha para Tobias. Cada um sabe o que o outro está pensando.



“A mulher é doida. Completamente maluca.”

Nenhum deles diz nada, porém.

Cármina é a dona da casa em que moram. É quem presta contas do comportamento dos adolescentes aos pais, responsáveis ou tutores. Se ela disser que algum deles não anda se comportando como deveria, encencas tremendas despencarão sobre suas cabeças. Maluca ou não, eles terão de aturar aquela mulher até o fim.

– Agora vamos preparar a esponja – ela acrescenta, com um sorriso que a deixa cada vez mais parecida com aquelas bruxas desgredadas de filmes antigos, em branco e preto: só falta soar um trovão toda vez que abre a boca.

Ariana não sabe – nem quer saber – o que um quadradinho de fermento tem a ver com esponjas. Uma lembrança enlouquecida do desenho animado do Bob Esponja quase a faz soltar uma gargalhada, mas consegue segurar-se a tempo. A megera não lida bem com risadas.

Tobias arregala os olhos e Ricardo disfarça um sorriso irônico.



Maluca. Doida. Pirada. Pinel. Louca de pedra.

Cármina arregaça as mangas. Desembrulha o quadrado de fermento e o quebra em fragmentos minúsculos, despejando-os numa vasilha amarela. Espalha um pouco de farinha branca em cima, pega o açucareiro e deixa cair um pouco de açúcar na vasilha.

– Senhorita Razzi, a leiteira – pede. Ou ordena.

Ariana pega a leiteira no fogão; o leite lá dentro está morno. A mulher nunca a chamou pelo nome ou pelo apelido, Ári. É sempre “Senhorita Razzi”, assim como Ricardo é o “Senhor Laurent” e Tobias, o “Senhor Elisandro”. Não importa se a idade dos três jovens oscila entre 14 e 17 anos; ela os trata como, quarenta anos atrás, fazia com os estudantes que se hospedavam em sua república.

“República”, na verdade, é uma palavra que ela não usa.

Moderna demais. Democrática demais. Sua casa é um pensionato para estudantes desde a década de 1960.



Os três observam a velha senhora em seu avental vermelho derramar um pouco do leite morno na mistura e mexer a meleca resultante com uma colher de pau.

– Senhor Laurent, a toalha – pede ela.

Ricardo entrega-lhe uma toalha de mesa azul largada ali ao lado, e a vê colocá-la, dobrada, sobre a vasilha, explicando:

– Precisamos abafar tudo para fermentar. O açúcar vai reagir quimicamente com o fermento e fazer a mistura crescer até ficar parecendo uma esponja.

– E agora? – Tobias indaga. Ele é o mais jovem dos três, e parece ser o único a estar remotamente interessado no que acontece.

– Agora esperamos fermentar – responde ela, com outro sorriso que acentua mais ainda sua expressão de bruxa maligna, ou doída antropófaga, ou as duas coisas.

Tob faz cara de conformado. Ári bufa. Ric franze as sobrancelhas. Conseguem pensar numa lista enorme de coisas que poderiam fazer, em vez de estarem ali, na enorme e assustadora cozinha do casarão, vendo a mulher mais feia do mundo lidar com fermento.



Contudo, quando eles haviam chegado dos respectivos colégios, no fim daquela tarde, ela lhes dissera – ou ordenara:

– Estejam na cozinha às dezoito horas. Vocês vão fazer pão pela primeira vez.

E ali estão os três adolescentes. Não faz muito tempo que foram morar naquele bairro da capital e que estão hospedados na casa. Ou república, ou pensionato.

Ou prisão.

Aprenderam que, se dona Cármina dá uma ordem, devem obedecer. Por mais doida que seja a ordem. Por isso, naquela sexta-feira, pouco depois das seis da tarde, numa cozinha gelada e diante daquela a quem, secretamente, chamam de Abantesma, os três olham fixamente para uma vasilha amarela coberta com toalha azul e desejam estar em qualquer outro lugar do mundo.



Muito antes

A casa já era das mais antigas do bairro quando Cármina a viu pela primeira vez, na década de 1950. De frente, o casarão não



impressionava; ocultava o tamanho real. Porém, depois de se atravessar o jardim ladeado de ciprestes (antes alegres, agora altos e sombrios) e o terraço recoberto por ladrilhos formando desenhos em estilo *Art-Nouveau* (antes vívidos, agora desgastados), entrava-se numa sala de estar tão enorme que a boca se abria sem que a gente percebesse.

No fundo desse salão, começava um longo e escuro corredor, de onde saíam a biblioteca e a sala de jantar (esta, sempre trancada), mais salas, saletas, quartos e banheiros azulejados em cores fortes. No final do corredor, a espaçosa copa parecia um necrotério, pronta a receber cadáveres para dissecação; só depois chegava-se à cozinha. Ao fundo desta, uma escadaria descia ao porão (certamente a réplica de uma masmorra medieval), com despensa, adega e mais cômodos ideais para hospedar prisioneiros acorrentados.

No final da década de 1960, após a morte do patriarca da família (cujo retrato, com dois metros de altura, era o único quadro a enfeitar a sala de estar), a mãe de Cármina abriu o pensionato para estudantes, aproveitando



a proximidade do bairro com o campus das faculdades públicas. Desde então, inúmeros jovens de família rica haviam se hospedado ali (na verdade, nas redondezas corriam boatos de que seus cadáveres ainda estavam lá, escondidos em algum lugar, embora nenhum deles jamais tenha sido encontrado). O regime implantado pela dona da casa era severo, os horários eram rígidos e rapazes e moças sempre eram mantidos escrupulosamente separados.

Ao herdar a casa, Cármina mantivera a tradição materna. Como a moradia, grande e austera, sua dona não era dada a amenidades. Nunca se casara; abominava crianças, animais, festas ou diversões. O único aparelho de TV ali existente, na salinha de costura, permanecia sintonizado no canal Discovery; quem não apreciasse documentários, que fosse ler na enorme biblioteca do Coronel (o retratado). Telefone, um só, dos antigos, na biblioteca. E olhe lá.

No século XXI o casarão entrou em profunda decadência. Suas paredes não viam tinta havia décadas; hoje, poucas famílias ricas, dessas que mandam os filhos estudarem na



capital, precisam de hospedagem. Aos poucos, Cármina passou a receber apenas adolescentes levados por assistentes sociais ou advogados. Alguns retirados dos pais por abusos, outros recém-saídos de clínicas de reabilitação, outros encaminhados por tutores que não sabiam o que fazer com eles.

E a mulher foi se tornando tão retorcida, sombria e rígida quanto os ciprestes de seu maltratado jardim. Era como se ela, as árvores e a tenebrosa casa partilhassem uma única alma. Uma alma silenciosa, cheia de mistérios, passagens secretas e recantos sinistros.

A casa só não era ostensivamente mal-assombrada nos dias em que sua dona vestia o avental vermelho e fazia pão. Por algum motivo, o aroma da massa crescendo no forno afastava espectros e transmitia um calor que a proprietária fazia questão de não demonstrar.



A palavra *abantesma* ou *avantesma* significa fantasma, coisa horrenda, aparição monstruosa. Ári ouviu a palavra pela primeira vez



quando Ric a pronunciou, olhando de soslaio para a senhora Cármina.

Ricardo sempre arrumava palavras antigas e esquisitas para definir as coisas – como essa história de “olhar de soslaio”. *Nerd* até o último fio de cabelo, aquele garoto. Esquivo, tímido; Ári evitava conversar com ele. Já o bem-humorado Tobias adorava conhecer as palavras que Ric desencavava; anotava-as em sua agenda, sempre ansioso para aprender alguma coisa nova. Mas também Tob parecia tímido quando Ariana estava perto.

Provavelmente temia a reação da Abantesma; os três tinham muito medo dela e, embora não confessassem isso uns aos outros, cada um sabia o que os outros sentiam. Só o que não sabiam era que, nas tediosas noites que passavam na sala de estar, com Cármina sentada frente ao retrato soturno do pai falecido, a bordar – enquanto vigiava os três adolescentes fazendo lições ou estudando – a velha senhora também sentia medo.

Um medo que a acompanhava fazia tempo – e crescia, aumentava como a massa de pão levedando... Somente os muitos anos



de prática em esconder o que sentia é que impediam seu medo crescente de se materializar diante dos jovens hóspedes.

Eles percebiam, porém, que alguma coisa oculta acontecia, que algo fermentava. Captavam o cheiro do pavor nas altas paredes do salão, nos sons dos ciprestes dançando lá fora, no retrato austero olhando-os do alto com ar de condenação. Vislumbravam o brilho mortiço da plaquinha na moldura do retrato (em que se lia “Coronel B. Pieres, Comando do Exército. 1915-1969”). Nessas noites, tratavam de terminar logo a lição ou estudo para irem dormir.

Após sua retirada, ela continuava ali, sentada, ouvindo os passos das pessoas na rua e bordando até terminar a tarefa daquela noite; a cada dia mais feia, mais apavorada, mais silenciosa. Abantesma.



**Sexta-feira, 18h05,
diante do casarão**

Um rapaz digita algo no teclado do celular, oculto da luminária da rua pela sombra do

grande cipreste no jardim da casa. Aguarda um pouco, sorri ao receber uma resposta no aparelhinho. Olha ao redor, conferindo se é observado; as ruas do bairro estão sempre cheias de gente, mas ninguém parece dar-lhe atenção. Põe o celular no bolso.

E vai para a avenida em busca de um ponto de ônibus.

